DA ACADEMIA ESMERALDENSE DE LETRAS



O SEGREDO DAS PALAVRAS

POEMAS SURREAIS

DA ACADEMIA ESMERALDENSE DE LETRAS



O SEGREDO DAS PALAVRAS

Revisão e Preparação:
SIDNEY ROSA DIAS

1º Edição

EDITORA IMPRIMATUR

DA ACADEMIA ESMERALDENSE DE LETRAS

© YENDIS ASOR SAID (2022)
Todos os direitos reservados ao autor.

INTRODUÇÃO E PREPARAÇÃO:
SIDNEY ROSA DIAS

FOTO DA CAPA:
Colhida no Canva

EDITORA
IMPRIMATUR

Rua 04 N 220
ESMERALDAS /MG

TELEFONE: 31 (31) 99333-4681 – 99830-4600
E-MAIL: yendisasorsaid@hotmail.com

RESPALDO:
Academia Contagense de Letras
www.academiacontagensedeletras.weebly.com
Jornal Regional Contagem
www.jornalregionalcontagem.com.br

ACADEMIA ESMERALDENSE DE LETRAS
E-MAIL: yendisasorsaid@hotmail.com

BLOG:
www.uniblog.com.br/yendisasorsaid

Said, Yendis Asor, 1977 –

O SEGREDO DAS PALAVRAS
Yendis Asor Said: Brasil, IMPRIMATUR, 2022.

I. Literatura brasileira
II. Ficção brasileira

CDD: B869.9

Suspiros inflamados que cantais
A tristeza com que eu vivi tão ledo
Eu morro e não vos levo, por que hei medo
Que, ao passar do Lete vos percais.

Escritos para sempre já ficais
Onde vos mostrarão todos com dedo
Como exemplo dos males; que eu concedo
Que para aviso de outros estejais.

Em quem, pois, virdes falsas esperanças
De amor e da fortuna cujos danos
Alguns terão por bem aventuranças,

Dizei–lhe que os servistes muitos anos;
E que em fortuna tudo são mudanças,
E que em Amor não há senão enganos.

LUÍS DE CAMÕES

Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitores;
Vede–as com magoa, vede–as com piedade,
Que elas buscam piedade, e não louvores.

Ponderai da fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lágrimas e amores;
Notai nos males seus a imensidade,
A curta duração dos seus favores.

E se em versos mil de sentimento
Encontrardes algum, cuja aparência
Indique festival contentamento,

Crede, ó mortais, que foram com violência
Escritos pela mão do fingimento,
Cantados pela voz da dependência.

Manoel Maria Barbosa Du BOCAGE

UM POETA ENTRE NÓS

POR VINÍCIUS FERNANDES CARDOSO

I[1]

De longe eu vi um homem / Que parecia um mendigo/ De amor tinha fome /parecia-se comigo, esses são alguns dos milhares de versos de Yendis Asor Said, palíndromo de Sidney Rosa Dias, poeta radicado em Contagem, Minas Gerais.

Sua primeira aparição pública se deu durante o lançamento do chevrolet *Meriva*, na Concessionária Mac Chevrolet. Convidada para abrilhantar o momento, a Academia Contagense de Letras, a ACL, lá estava corporificada na presença de poetas, escritores, performáticos e problemáticos, entretendo o momento com poesia e humor. Na época de sua aparição, o poeta já somava quatro pastas repletas de textos inéditos. Em 2002, passou a integrar os quadros da ACL e desde então sua simpatia ilustra o meio literário contagense. "Nei", como é chamado pela família, nasceu a 16 de outubro de 1977. Gênio precoce, e tendo cedo que ganhar o pão com o suor do rosto, com treze, quatorze anos, passou a colaborar com os jornais *Folha de Contagem* e *Verdade de Contagem*. A mãe reivindica a influência sobre o filho no gosto pela leitura e escrita, a simpática Iracema. Com quinze, fundou e presidiu o Raul Rock and Roll Fã Clube que chegou a somar cinqüenta integrantes. Na época, publicou dois artigos em jornal, um sob título "*Um tributo a Raul Seixas*" e o outro intitulado "*Raulzito continua vivo*".

De filosofia, leu os chamados pré-socráticos, os sofistas, a tríade Sócrates, Platão, Aristóteles. Leu Mathias Aires, filósofo brasileiro, Nietzsche. Leituras livres dos principais livros sagrados: a *Bíblia*, *Bragavad Gita* (Índia), *Tão To King* (China), e, à frente, *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, *Universo em Desencanto*, *O Alcorão*, O *Livro do Mórmon*. Leu ainda Nostradamus e mitologias mil, da grega à nórdica. De literatura, gosta de clássicos e modernos. Camões e Bocage estão entre os seus preferidos no trato com a língua portuguesa. Gosta de Paulo Coelho. Suas leituras indicam um espírito inquieto em busca de verdades e sentidos, senão para encontrar respostas, para, ao menos, aprender a melhor formular perguntas, afinal, uma pergunta bem formulada já é meia resposta.

Diário de um louco marcante para o poeta, na sua trajetória. Trata-se de uma grande epopéia, inicia-se com a citação de uma estrofe de Camões e narra uma grande saga individual onde são citados personagens de diversas tradições, além de musas e deusas como Is Lila e Samu; musas e deusas são freqüentes na sua literatura.

Dando forma aos seus escritos, em 2003, o poeta produziu e distribuiu opúsculos com alguns dos seus textos, a saber: *Satãna*, *A Dura Ausência*, *A Minha Dor*, *O Despertar*, *O Castelo*. Feitos pelo próprio autor, os livrinhos foram presenteados aos montes, principalmente na Região Metropolitana de Belo Horizonte. De 2003 a 2010, foram distribuídos mais de trinta mil exemplares dos seus opúsculos.

Satãna, onde há um diálogo entre o Eu e a deusa Satãna, lembra *Macário*, de Álvares de Azevedo, conhecido poeta brasileiro do século XIX. *A Dura Ausência* começa pelo final, com o amante a queixar a ausência da amada, tema de interesse permanente da alma humana. Há de se fazer uma leitura mais atenta da literatura de Sidney Rosa Dias, enfocando seus aspectos

[1] Versão da parte I saiu no *Jornal Regional Contagem*, de agosto de 2005.

preponderantes, aqui, fazemos apenas uma modesta apresentação. *O Castelo* lembra os contos fantásticos de Edgar Allan Poe, escritor conhecido da juventude.

Seus escritos apresentam uma linguagem envolvente (efeito narcótico ao ler) e sugestiva (literatura simbolista). Indefinição do cenário e dos personagens, insinuação da voz narrativa e do enredo. Cria-se uma atmosfera de meia-luz que nos encanta ao ler. O eu-lírico formula perguntas, e, ao contrário dos livros de auto-ajuda com suas metralhadoras de respostas, deixa o leitor ler/escrever (imaginar) dali para frente. Ele convida o leitor a entrar na floresta de símbolos e a se perder nas águas do poema.

II

Em 2007, aparecem livrinhos dos textos *Solidão, Um Mal Bem Conhecido, Yendis, Algo*. A série *Sociedade Massacrada*, já na casa dos quarenta, e outros textos, passam a sair no *Jornal Regional Contagem*, onde Yendis começa a colaborar em abril. Em 2007, surge ainda *Quatro Elementos, reunião poética* e, em 2008, *Pontos Cardeais, encontro literário*, dois livrinhos coletivos com Fernando Januário, Diovvani Mendonça, Lecy Pereira Sousa e eu.

Solidão! atualiza a tônica lúgubre tão presente em outros textos de Yendis, como Satãna, lembrando porém, que Solidão! é feito de substância natural, Satãna, embora carregado de carga emocional (humana), apresenta uma personagem sobrenatural. *Solidão!*, assim como *A Dura Ausência* (2003), fala da irreparável perda da amada: "*Mesa vazia, cadeira vazia...*", assim começa o poema, que termina da seguinte forma: "*No quarto um doente, um ente com / um freqüente sonho, e uma solidão, / de alguém que se foi sem perdão. / Uma solidão, tudo isso em uma solidão... / Ó triste e apaixonado coração!*". O poema se desenrola através de um monólogo, tal qual *O Corvo*, de Edgar Allan Poe, que, triste e ensismemado, vai contando a perda da amada, sugerindo, ao longo do poema, o ambiente esvaziado, antes habitado pela presença do casal. Sempre comovente a permanente temática da perda; não há ser humano que não se comova.

Já *Um Mal Bem Conhecido*, de 2007, inaugura ou atualiza, com mais força e inteligência, um poeta com a língua afiada para a sátira e, devido à atualidade histórica do alvo da sátira – o neopentacostalismo – este livrinho, pode-se afirmar com segurança, é um tanto quanto original; e olha que nem estou preocupado em caçar originalidades.

Um Mal Bem Conhecido, como tudo que é verdadeiramente novo e não meramente arranjadinho para dar impressão de novo, é violentamente virgem: "*No meio da multidão / Ele pulava e tirava demônios, / Ele dizia: — É encosto irmão! / Sai do Zé, sai do João e do Tônho. / Esse que parece um santo, / Em nome de Deus berra tanto, / Diz ter força maior que Sansão. / Não passa de um porco fodido, / Não passa de um padre maldito, / De um bispo, pastor e ladrão*". Sem papas na língua, sem autocensura, eis um trabalho de intervenção política, no melhor sentido, porque intervém nas idéias; uma voz dissonante em meio ao pensamento único; uma voz sem compromissos com o politicamente correto; com a vida literária bem comportada das noites de autógrafos; o senso crítico; a sátira; uma alfinetada na alienação, na imbecilidade; eis a voz de um poeta, uma individualidade no exercício de sua liberdade; o que não adere à boiada; o que ri da sociedade, que lhe coloca um espelho na sua frente que reflete uma imagem que ela não suporta. Com *Um Mal Bem Conhecido*, Yendis Asor Said, sem querer e sem estar preocupado com isso, alinha-se à tradição dos malditos, os Aldous Huxley, Jim Morrison, e, da nossa tradição, os Gregório de Mattos.

O livrinho *Yendis* (2007) reúne os textos onde se manifesta o personagem Yendis. Yendis é como se fosse – note-se, como se fosse – o alter-ego do poeta, tais quais os heterônimos de Fernando Pessoa. Que fique claro: Yendis não é nem pode ser a pessoa física Sidney Rosa Dias. Que não se faça essa redução errônea. Trata-se de uma entidade, uma personagem. E Yendis é um dos personagens mais divertidos. Superior, Yendis só se relaciona com deuses, filósofos, seres superiores como ele, e, com esses, mantém uma postura de primazia; chama Cícero de "caro Circe", Platão vira "meu caro Plata", Morfeu, deus grego do sono, é o "Mofa", os apelidos beiram o deboche: São Lucas transforma-se em "Ó Lucas", etc. Yendis só aparece em lugares exóticos, distintos: Inferno, Roma, Oklahoma, Bangladesh, etc. Dá conselho a figuras bíblicas, resolve altas discussões filosóficas com uma frase, tem opinião para tudo, e, detalhe, todas suas opiniões são infalíveis e ele fecha o debate, não deixando margem para uma possível continuação da discussão; fala de forma categórica e responde as grandes questões universais: "De onde viemos?" e "Para onde vamos?", com naturalidade de criança. De tão resoluto e certo de si, Yendis chega a cativar pela firmeza, pela aparente arrogância, que, olhando bem, é um jeito afirmativo de ser, sem medo de ser feliz, sem muita firula acadêmica, sem muita discussão sem fim. Autoritário? Fascista? Yendis responde seus questionadores que lhe vem especular a vida de forma curta e grossa, desmontando seu oponente, por isso, não é bom brincar com ele. E deixá-lo quieto também não é alternativa. Yendis intromete-se em tudo quanto é discussão, quer dizer, só altas discussões em que estão em pauta as grandes questões da Humanidade, os grandes problemas metafísicos do destino do Homem. Ele intromete-se numa conversa de filósofos, joga a sua resolução e sai andando, não perdendo tempo entre os bem pensantes pedantes. Yendis não tem mais paciência para muita firula: ele chega, resolve, e sai fora. Com Yendis é fim de papo. E lógico, ele sai sempre campeão das situações onde aparece. Apenas em um poema, onde aparece a sua amada Satãna – ela mesma, Satãna; veja o diálogo e a intertextualidade interna da grande obra Diário de um louco, a única a quem Yendis se submete, mesmo assim, não deixando de dar umas espetadas também na amada. De tão divertido, Yendis chega a saltar as páginas, esse intrépido personagem. Sua "arrogância" chega a ser cativante. Entrar no seu mundo mágico de deuses e filósofos é um bálsamo para a nossa alma, esmagada pela vida chã. Continuemos.

Algo! (2007) foi um desafio para o nosso poeta. Procurando uma forma de expressão mais livre, mais livre do que os seus já livres versos rimados, procurando a prosa espontânea tal qual Jack Kerouac, YAS chegou a uma prosa poética de fôlego em *Algo!*, seu primeiro trabalho com esse formato. O poeta, por assim dizer, soltou a pena e ela voou, e o pensamento voou, numa fluência vertiginosa, beirando a virtuose. Há passagens em *Algo!* em que dá para notar quando a escrita livra-se do autor que lhe deu o pontapé inicial, e os momentos onde o autor novamente toma as rédeas da selvagem escrita e lhe imprime nova direção, para novamente, ela descambar para onde quer ir; e é nesse movimento que vai sendo tecido *Algo!*, o próprio nome, "algo", já expressa essa vontade de exprimir "algo", esse "algo" que está contido dentro de todos nós, essas estranhezas humanas (digo eu), e que só a escrita espontânea, é capaz de exprimir. E preciso deixar o verbo pirar, a pena correr, sem a censura da ideologia, a tirania da razão, sem exigências de beletrismo. E é preciso coragem para permitir-se a liberdade criativa, a liberdade de modo geral, e o nosso poeta permitiu-se; a liberdade amedronta, mas o poeta enfrentou o medo, pois, sabia que valeria a pena ir até o fim, e foi, e no final, foi recompensado, tendo em mãos um texto que esbanja vitalidade, um sopro de ar fresco, um texto que nos abre a mente. Para fazer trocadilho: *Algo!* tem 'algo' de novo, e esse novo não precisou ser atual para ser novo, não precisou falar de tema atual ou se utilizar de forma literária sofisticada, bastou apenas comprar o

desafio de seguir o caminho da liberdade, a liberdade que nos convida e que negamos, onde habita os melhores textos. E lá onde Yendis foi buscar *Algo!*, nos porões da consciência, onde recalcamos a liberdade. Em tempos de neoliberalismo, pensamento único, padronização do corpo e da mente, onde a própria esquerda parece repetir as mesmas ladainhas, distingue-se o poeta de *Algo!*, com seu grito desbragado, entalado na garganta pelo cotidiano massacrante, mas enfim liberto: um grito para assombrar a cidade, fazer os homens, inimigos da liberdade, arrependerem-se de viver sob os grilhões que eles mesmos, com sua sociedade anti-libertária, construíram. Com *Algo!*, YAS, por sua vez, alinha-se à tradição dos textos literários que vasculham a mente humana e dão vazão ao inconsciente recalcado; alinha-se à tradição da literatura subversiva-porque-subjetiva, aliás, literatura aparentemente mais presente fora do que dentro do Brasil (tenho que redescobrir Clarice Lispector e outros), onde sempre fomos afetados do bem pensar, do bom mocismo, às vezes, beirando o moralismo, sempre disfarçado de bom senso, com ares de sublime (inclusive o bom Drummond); basta pensar: cite-se um escritor(a) nacional a la Jack Kerouac? Exatamente os marginalizados do Cânone Nacional: No século XIX, Kilkerry, Sousândrade, Cruz e Sousa (na poesia), Qorpo-Santo (prosa teatral); no século XX, Campos de Carvalho, Rosário Fusco (na prosa) e, perdoem-me os lemiskyanos, será a poesia de Paulo Leminski tão libertária quanto queira ser? Quanto à poesia marginal, também pergunto: não haverá mediocridade por trás do seu minimalismo? De um modo geral, nossa literatura é meio tímida no que se refere à libertação da mente por meio da escrita.

Para quem conhece a poética de Yendis Asor Said, sabe que *Algo!* é uma tentativa de ruptura com o seu próprio maneirismo formal (mantendo a passionalidade temática), que busca fazer um rito de passagem, libertando-se da autoridade do pai, das convenções sociais, da educação mofada que lhe foi transmitida, libertar-se das regras do bem pensar e do bem escrever. E, como tudo que emerge, vem às golfadas, com a violência de um parto, como o despertar de um paciente que passou longos anos em estado de coma, vem aos vômitos, é como se os humanos do filme Matriz despertassem das cápsulas onde seus corpos são abduzidos; é como o despertar da caverna de que fala Platão, da caverna da ignorância, acordando para a luz da verdade que só pode ser atingida através do caminho que conduz à libertação da mente. Yendis Asor Said arranca às entranhas esse "algo" que vive adormecido dentro de nós à espera apenas de nossa coragem para se libertar: esse algo é a própria liberdade, é a substância mais genuína do que seja o 'humano', não propriamente o 'humano' do homem que raciocina (*homo sapiens*), mas o 'humano' do homem que delira (*homo ludens*).

SOBRE "SOCIEDADE MASSACRADA"

COMO ASSIM, *SOCIEDADE MASSACRADA*?

Logo ao iniciar sua colaboração no *Jornal Regional Contagem*, Yendis Asor Said escreve e publica sua intitulada "*Sociedade Massacrada*", em texto saído na edição nº 110, de maio de 2007, aberto em tom bíblico: "*Hoje soou as trombetas esperadas, não as dos anjos e sim aquelas que o mundo atual já conhece e jura não conhecer, as trombetas do coração da terra*". Até hoje me pergunto se o título *Sociedade massacrada* foi pensado. Certamente sim, mas me pergunto se o autor observou a oposição conceitual entre *Sociedade Civil* de um lado e *Estado* de outro, conceitos advindos do liberalismo político.

Acontece que o autor poderia ter intitulado a série de *Sociedade massacrante*, ou *Sociedade massacradora*, ou mesmo *Massacration Society* como eu à época, sem complexo de

colonizado, equivocadamente cogitei e sugeri ao autor, mudando, em cada caso, o sentido da expressão. *Sociedade massacrante*, por exemplo, transmitiria a noção de que a Sociedade, no sentido de conjunto de indivíduos, seria ela mesma responsável, ela mesma produziria suas más condições, e não o Estado. Já em *Sociedade massacradora*, a Sociedade, enquanto estrutura coletiva, pesaria demasiadamente sobre a cabeça dos indivíduos.

Ao "optar" (só se opta sobre o que se reflete) por *Sociedade massacrada*, mesmo se irrefletidamente, o título atribuiu ao *Estado*, *instituições*, *aparatos*, *estruturas* força sobre os indivíduos (*sociedade*), subjugando-os, dominando-os, "massacrando-os", adjetivo advindo do substantivo *massacre*, cujo sentido remete a assassinato coletivo, dando gravidade mortificante à expressão. Mesmo sem consciência do autor, o título permite um entendimento liberal e marxiano, interpretando que a *sociedade civil* (indivíduos) seria massacrada pelo *Estado* (instituições, leis), no entendimento liberal, ou mesmo o *Estado instrumentalizado como comitê central da classe dominante* massacraria as classes dominadas, no entendimento marxiano.

Talvez, ao contrário do que suspeito, o autor refletiu sobre o título, pois, quando lemos *Sociedade massacrada*, os indivíduos (*sociedade*) são colocados como manipulados por instituições, líderes religiosos e mandatários: são os "paranormais da igreja e do governo", são os "cegos guiando cegos", são os "engravatados", manipuladores de indivíduos fragilizados, da massa ordeira, da ralé subserviente, da massa de manobra. Apesar disso, o autor também critica a própria população manipulada, massacrada, que teria meia-culpa por sua condição: é "esse povo ignóbil", esse "povo casmurro", narcotizado pelo ensimesmamento, pela "casmurrice".

CRÍTICA ÀS CONTINGÊNCIAS

CRÍTICA AOS "FUNDAMENTOS SOCIAIS"

Assim como *Sociedade massacrada* critica as contingências contemporâneas, critica o que seriam os 'fundamentos sociais', isto é, as instituições sociais religiosas e seculares mais antigas legadas pela História; esse seria outro elemento do pensamento social de Yendis Asor Said: crítica às instituições tradicionais. Dos inúmeros exemplos de passagem em que *Sociedade massacradaI* contesta as instituições cristalizadas, temos esse trecho que nos lembra os escritos anarquistas: "*Hoje ONGs, Polícia, Estado, Igreja... se fosse verdade que isso tudo estivesse ao nosso favor, por que não seríamos felizes?*"

O autor entende o que contesta? Para mim, sim, tem algum entendimento, porém falho. Nosso autor, leigo e crédulo, compreende razoavelmente as grandes religiões e livros sagrados: conhece-as, leio-os, porém, quando o assunto são as instituições seculares, derrapa. O fato é que ainda não teve formação sólida relativa aos grandes temas sociais, não teve uma leitura disciplinada dos pensadores sociais clássicos e modernos básicos: Thomas Hobbes, Maquiavel, Rosseuau, Montesquieu, Stuart Mill, Karl Marx, Max Weber, Durkheim. Temas como *Estado*, *contrato social*, *divisão social do trabalho*, *divisão dos poderes*, *democracia*, *luta de classes*, *desencantamento do mundo* lhe escapam, o que obrigatoriamente não o desautoriza de *criticar* – se formos simpáticos ao conceito de *intelectual público* do professor estadudinense Russel Jacoby – mas o indispõe com um público intelectualmente exigente, de um lado; de outro lado, *Sociedade massacrada* indispor-se-ia com outro tipo de público, "religioso" e emotivo, pois a série toma como alvo recorrente as instituições religiosas.

Dito isso, não desconsideramos de todo quando o autor critica assuntos seculares. Como trabalhador operacional de anos de serviço e carteira assinada, o autor de *Sociedade* massacrada sofreu as opressões impostas à classe trabalhadora, seja por empresas gananciosas,